

Leon Tolstoi

O primeiro passo

/

Em todos os atos de sua vida o homem deve empregar certo método, sem o qual, os fins que persegue não podem ser alcançados. Assim deve ser feito, quer se trate de coisas materiais ou espirituais. Tão impossível será ao padeiro fazer pão se não amassou a farinha e aqueceu o forno, como não poderá o homem que aspire a uma vida moral realizar seu sonho, se não conseguiu previamente adquirir as diversas qualidades cujo conjunto faz que se diga que as possui: “É um homem de uma vida moral inatacável.” Será preciso ademais que, para adquirir estas qualidades, siga uma marcha lógica e ordenada; que comece pelas virtudes fundamentais, e que suba uma atrás da outra as etapas que hão de levar-lhe ao fim que anseia.

Em todas as doutrinas morais, existe uma escala que, como disse a sabedoria chinesa, vai da terra ao céu e cuja ascensão não pode realizar-se de outro modo que começando pela primeira etapa. Prescrevem a mesma regra os brâmanes, os budistas e os partidários de Confúcio; encontra-se também nas doutrinas dos sábios da Grécia.

Todos os moralistas, tanto os deístas como os materialistas, reconhecem a necessidade de uma sucessão definitiva e melódica na assimilação das virtudes sem as quais não há vida moral possível. Esta necessidade se desprende da mesma essência das coisas, e parece, portanto que todos deveriam aceitá-la. Mas coisa estranha! desde que o cristianismo se converteu em sinônimo de Igreja, a consciência desta necessidade tende a apagar-se e só a conservam os ascetas e os frades.

Entre os cristãos laicos, se admite que um homem possa possuir virtudes superiores sem haver começado por adquirir aquelas que, normalmente, deveriam haver sido conquistadas em primeiro lugar: alguns vão mais longe ainda, e pretendem que a existência de vícios determinados de um indivíduo não o impedem de possuir ao mesmo tempo virtudes elevadas.

Resultou disto que hoje, entre os laicos, a noção da vida moral está, se não perdida, muito atrapalhada pelo menos.

## //

Isto ocorreu, a meu juízo, do seguinte modo:

O cristianismo, substituindo o paganismo, colocou, a princípio, uma moral mais exigente; mas esta moral, como a do paganismo, só poderia conseguir-se depois de haver percorrido todos os graus da escala das virtudes.

Segundo Platão, a abstinência era a primeira qualidade que importava adquirir. Vinha depois o valor, a sabedoria e a justiça, a qual, segundo sua doutrina era a mais alta virtude que pode um homem possuir. A doutrina de Jesus Cristo ensinava outra progressão: o sacrifício, a fidelidade à vontade divina, e, acima de tudo, o amor.

Os homens que se converteram seriamente ao cristianismo, e que trataram de levar uma vida moral cristã, começaram contudo por adotar o primeiro princípio da doutrina pagã, abstendo-se do supérfluo.

Não se creia que o cristianismo se apropriava em tal caso do que o paganismo havia pregado antes que ele. Não se me diga que rebaixou o cristianismo, equiparando sua alta doutrina ao baixo nível da pagã. Seria injusto; reconheço que a doutrina cristã é a mais alta que existe e não a comparo ao paganismo.

Precisamente porque a doutrina cristã é superior a dos pagãos a suplantou; mas não por isso há que deixar de reconhecer que uma e outra encaminham o homem para a verdade e o bem, e como ambas as coisas são imutáveis no fundo, o caminho que a elas conduz deve ser único. Eis aqui por que os primeiros passos que se dão em tal caminho devem ser forçosamente iguais, trate-se de cristãos ou pagãos. Qual é, pois, a diferença entre ambas as doutrinas? É que, ao contrário da doutrina pagã, que por sua própria natureza é limitada, a cristã tem uma tendência contínua para a perfeição.

Platão, por exemplo, estabeleceu como modelo de perfeição a justiça; e Jesus Cristo escolheu a perfeição indefinida: o amor. "Sede perfeitos como é perfeito vosso Pai celestial."

Nisto consiste a diferença. E portanto, as diferentes relações dos ensinamentos dos pagãos e cristãos para os diferentes graus da virtude.

Segundo o paganismo, antes de conseguir-se a virtude mais alta, os graus intermediários que se alcançam têm uma importância relativa: quanto mais altos são, maior soma de virtude precisam. Resulta disso que, do ponto de vista pagão, se pode ser mais ou menos virtuoso ou mais ou menos vicioso.

Segundo a doutrina cristã, se é ou não virtuoso. Pode-se ser virtuoso com mais ou menos rapidez, mas ninguém se reputa como tal até que haja cumprido sucessivamente todos os requisitos necessários para isso.

Vou explicar-me. Para os pagãos, o homem prudente é virtuoso; mas aquele que à prudência acrescenta o valor, o é mais que o outro, e se a estas duas qualidades se acrescenta

o sentimento da justiça, se alcança a perfeição. O cristão, pelo contrário, não pode ser superior nem inferior a outro moralmente, mas é tanto mais Cristão, quanto mais rapidamente anda pelo caminho da perfeição, seja qual for o grau em que se encontre num momento dado; de modo que a virtude estacionária de um fariseu é menos cristã que a do ladrão, cuja alma se encontra em pleno movimento para o ideal e que se arrepende na cruz.

Tal é a diferença entre ambas as doutrinas. O paganismo considera a abstinência como uma virtude, quando o cristianismo não a admite mais que como um meio de encaminhar-se ao sacrifício, condição primeira de uma vida moral.

Entretanto, nem todos os homens consideram a doutrina de Jesus Cristo como uma tendência contínua à perfeição; a maioria a compreendeu como uma doutrina redentora; a redenção do pecado pela graça divina, transmitida pela Igreja, entre católicos e ortodoxos, e a crença na redenção entre os protestantes e calvinistas. Esta doutrina fez desaparecer a sinceridade e a seriedade da atitude dos homens a respeito da moral cristã. Os representantes destes organismos poderão pregar interminavelmente que tais meios de salvação não impedem ao homem aspirar a uma vida moral, mas, pelo contrário a isso o induzem; mas certas situações engendram por si mesmas certas conclusões, e nenhum argumento poderá impedir que os homens a aceitem.

Eis aqui por que o homem que está imbuído nesta crença de redenção não terá energia suficiente para assegurar sua salvação por meio de seus próprios esforços: achará muito mais simples aceitar o dogma que lhe foi ensinado, e esperar que a graça divina lhe perdoe as faltas que pode cometer.

Isso é o que ocorreu à maioria dos adeptos do cristianismo.

### III

Tal é a causa principal do relaxamento dos costumes. Para que conformar-se com certos hábitos? Para que privar-se de tal ou qual coisa, já que o resultado há de ser o mesmo? Para que deixar costumes agradáveis, já que a recompensa há de vir de todos os modos?

Recentemente publicou o Papa uma encíclica sobre o socialismo. Neste documento, o chefe da Igreja, depois de uma pretendida refutação da doutrina socialista sobre a ilegitimidade da propriedade, disse expressamente que “ninguém tem a obrigação de socorrer o próximo se não tem mais que o necessário para si ou sua família, se, ou para fazê-lo, há de diminuir em algo aquilo que exigem as conveniências mundanas. Ninguém, de fato, deve viver prescindindo de tais conveniências”. (Isso é retirado de São Tomás: *Nullus enim inconveniēter debet vivere.*) “Mas depois de haver satisfeito as necessidades e as conveniências exteriores – diz ao fim da encíclica -, é dever de todos dar o supérfluo aos pobres.”

Assim prega o chefe da Igreja mais difundida hoje em dia; assim pregavam os Padres da Igreja, que criam insuficiente a salvação por meio da ação.

Junto à pregação, desta doutrina egoísta, que prescreve dar ao próximo aquilo que não nos é necessário, prega-se o amor a esse mesmo próximo, e sempre se citam com ênfase as célebres palavras pronunciadas por Paulo no capítulo XIII de sua primeira Epístola aos coríntios.

Embora a doutrina do evangelho esteja cheia de chamamentos à abnegação, e afirme que esta virtude é a primeira das condições para alcançar a perfeição cristã; embora se diga que “quem não tomar sua cruz, quem não renegar seu pai e sua mãe, quem não arriscar sua vida...”, estes homens persuadem os demais de que não é necessário, para amar o próximo, sacrificar aquilo a que se está acostumado, e que basta dar o que se julgue conveniente.

Assim falam os Padres da Igreja, e portanto, aqueles que rechaçam a doutrina da Igreja (em todo o que se refere a manifestações exteriores de culto) pensam, falam e escrevem de igual maneira que os livres-pensadores. Estes homens creem e fazem crer aos outros que, sem necessidade de refrear suas paixões, se pode servir à humanidade e levar uma conduta moral.

Os homens, depois de rechaçar as práticas pagãs, não souberam assimilar a verdadeira doutrina cristã; não admitiram a marcha progressiva no caminho da virtude, e permaneceram estacionários.

## IV

Em outro tempo, antes da aparição do cristianismo, todos os grandes filósofos, começando por Sócrates, creram que a primeira das virtudes que deviam adquirir-se era a abstinência, e que querer adquirir outra sem possuir esta era impossível.

É evidente, de fato, que o homem que não sabe conter-se é presa fácil para todos os vícios, e não pode levar uma vida moral. Antes de pensar na generosidade, no amor, no desinteresse, na justiça, é necessário que o homem aprenda a dominar-se e que seja bastante forte para vencer seus apetites.

Tal como hoje se enxerga, tudo isso é inútil; temos a convicção de que o homem pode levar uma existência completamente moral, e, no entanto, deixar-se arrastar por sua paixão pelo luxo e pelos prazeres.

Parece que, seja qual for o ponto de vista – utilitário, pagão ou cristão – em que alguém se coloque, o homem que explora por seu próprio gosto o trabalho, e frequentemente o trabalho mais penoso dos demais, age mal, e que este é o primeiro costume que deve rejeitar, se aspira a levar a existência própria de um homem honrado.

Do ponto de vista utilitário, é uma má ação, pois, obrigando os demais a trabalhar para ele, se encontra sempre o homem em uma situação deplorável: se acostuma a satisfazer suas paixões, e se converte em seu escravo, já que as pessoas que trabalham para ele o fazem com inveja e descontento, e só esperam uma ocasião favorável para livrar-se dessa necessidade.

Por conseguinte, o homem se encontra sempre exposto a manter-se com costumes arraigados, que num momento dado talvez não poderá satisfazer.

Do ponto de vista da justiça, é também uma má ação, porque é mal aproveitar para seu prazer o trabalho de indivíduos que, por esta única condição, não podem dispor a centésima parte das alegrias que contribuem a assegurar ao que os empregam.

Do ponto de vista do amor cristão, parece supérfluo demonstrar que o homem que realmente ama seu próximo, longe de servir-se do trabalho alheio, deve dar, pelo contrário, uma parte de sua atividade para contribuir ao bem-estar dos demais.

Estas exigências do interesse, da justiça e do amor, as desenha por completo nossa sociedade. Segundo a doutrina dominante hoje em dia, o aumento dos benefícios considera-se como coisa desejável, como um indício de desenvolvimento intelectual, de civilização e de perfeição.

Os homens que são chamados de instruídos estimam que estes costumem de luxo, que esta tendência ao refinamento são indícios certos de uma superioridade moral que faz limite com a virtude. Quanto mais necessidades têm, mais refinados são e mais valem.

A poesia descritiva e as novelas do último e penúltimo século corroboram o que dizemos. Como se pinta os heróis e heroínas que representam o ideal da virtude? Na maioria

dos casos, os homens que devem representar algo nobre e elevado, desde Childe-Harold até os últimos heróis de Félier, Trolop e Maupassant, são parasitas que devoram com seu luxo o trabalho de milhares de homens, enquanto que nenhum deles é útil para nada nem a ninguém.

Quanto às heroínas, não são mais que cortesãs que proporcionam mais ou menos prazer aos homens, e que desperdiçam o trabalho alheio em proveito de seu luxo.

Recordo que, quando escrevia novelas, passava uma dificuldade quase insuperável; contra ela lutei e lutam ainda hoje quantos novelistas tenham consciência do que é a beleza moral verdadeira; esta dificuldade consiste em descobrir o tipo de homem do grande mundo idealmente bom e belo, e ao mesmo tempo conforme à realidade.

A descrição do homem e da mulher do grande mundo não será verdadeira senão quando o personagem se apresentar no meio ambiente que lhe é próprio; a saber, no luxo e na ociosidade.

Do ponto de vista moral, esse personagem resulta pouco simpático, mas há que apresentá-lo de modo que o seja. Isso é o que os novelistas tratam de fazer, como eu tratei de fazê-lo igualmente. Para que tanto trabalho? Os leitores habituais dessas novelas, não têm quase sempre um nível moral parecido ao do herói que se lhes descreve? Não têm também as mesmas inclinações e iguais costumes? Para que então tantos cuidados para fazer-lhes simpáticos os Childe-Harold, os Onegin, os de Camors, posto que já se acham inclinados a considerá-los como perfeitos?

Prova irrefutável de que os homens de hoje em dia não consideram a abstinência pagã e a abnegação cristã como qualidades desejáveis e boas, é a educação que se dá às crianças: em vez de procurar fazê-las fortes e valentes, se os acostuma à ociosidade.

Faz muito tempo que pensei escrever o conto seguinte:

Uma mulher, ofendida por outra, e desejando vingar-se dela, lhe rouba seu único filho. Vai a casa de um feiticeiro e lhe pergunta como poderá vingar-se mais cruelmente de sua inimiga por meio de seu filho. O feiticeiro lhe aconselha que leve a criança a um ponto que lhe indica e lhe promete uma terrível vingança. A mulher má segue o conselho, mas não perde de vista a criança; depois, com grande surpresa, percebe que foi recolhido por um homem sem herdeiros. Volta à casa do feiticeiro e lhe cobre de censuras; ele lhe contesta que não chegou ainda a hora, e que tem que esperar. No entanto, o menino cresce entre o luxo e a abundância; a mulher má está estupefata, mas o feiticeiro lhe aconselha que espere. De fato, chega um momento em que sua vingança resulta tão terrível, que a mulher má acaba por ter compaixão da sua vítima. O menino, que cresceu entre riquezas, se arruína, e então começa para ele uma série de privações e de sofrimentos físicos contra os quais não pode lutar, e que tem de suportar com tristeza indizível. Por um lado, nobres aspirações o conduzem a levar uma vida regular, e por outro, sente a impotência de sua carne debilitada pelo luxo e pela ociosidade.

É uma luta sem esperança, uma queda contínua, cada dia mais profunda; logo a embriaguez como meio de esquecimento, e por fim, o crime, a loucura ou o suicídio.

É verdade que a educação de algumas crianças de nossa época inspira terror. Tão só os mais implacáveis inimigos dessas crianças poderiam tomar-se tanto trabalho, para inculcar-lhes a imbecilidade e os vícios que devem a seus pais, e muito especialmente a suas mães; e aumenta o horror, quando vemos os resultados que esta educação produz e os estragos que faz na alma das crianças, tão cuidadosamente corrompida por seus pais. Inculcam-lhes costumes refinados; não lhes ensinam a dominar suas inclinações. Sucede então que o homem, longe de sentir-se atraído pelo trabalho e de sentir amor por sua obra, tendo consciência do que fez, se acostuma pelo contrário à ociosidade, aos desprezo de Toto trabalho produtivo e ao desperdício.

Perde a virtude da primeira noção que deve adquirir-se antes de outra: a prudência; e entra na existência onde se prega e parecem ser apreciadas as altas virtudes da justiça, do amor e da caridade. Feliz ainda se é moço, de uma natureza débil moralmente, se não sabe discernir a moralidade nas aparências da moralidade, se pode contentar-se com a mentira, que é lei da sociedade inteira. Se assim sucede, tudo vai bem, e o homem que tem o sentido moral adormecido pode viver feliz até seu último dia.

Mas nem sempre ocorre assim, sobretudo nestes últimos tempos, quando a consciência da imoralidade de tal existência vibra no ar, e fere apesar de tudo no coração. Sucede que, cada vez mais frequentemente, aparecem os princípios da verdadeira moral, e

começa então uma penosa luta interior, um sofrimento que rara vez acaba com vantagem para a moral.

Compreende o homem que sua vida é má, que deveria mudá-la totalmente, e trata de fazê-lo; mas então os que suportaram já igual luta, sucumbindo a ela, se lançam de todas as partes sobre o que tratava de cambiar sua existência e se esforçam em persuadi-lo da inutilidade de sua luta, procuram provar-lhe que a continência e a abnegação não são necessárias para ser bom, e que pode ser um homem útil e reto, apesar de entregar-se à gula, ao luxo, à ociosidade e até à luxúria. Esta luta tem, por regra geral, um fim lamentável, quer o homem se submeta à opinião geral, e cesse de escutar a voz de sua consciência e recorra a subterfúgios para justificar-se, quer lute, sofra, enlouqueça ou se suicide. É raro que, entre todas as tentações que o rodeiam, um homem de nossa sociedade compreenda que existe e que existiu durante milhares de anos uma verdade primitiva para todos os homens prudentes; que, para chegar a uma existência moral, é preciso, antes de tudo, deixar de ter má conduta, e que, para alcançar uma alta virtude, é necessários adquirir a da abstinência e da possessão de si mesmo, como pensavam os pagãos, ou a virtude da abnegação, como prescreve o cristianismo.



## VI

Acabo de ler as cartas de nosso muito erudito senhor Ogarev, o exilado, a outro erudito, o senhor Herzen. Nelas, o senhor Ogarev expressa seus pensamentos íntimos, suas tendências mais elevadas, e em seguida se avisa que finge algo. Fala da perfeição, da amizade saudável, do amor, do culto da ciência, da humanidade... E pouco depois, em igual tom, escreve que às vezes irrita a um amigo seu em cuja casa vive, porque “volto às vezes embriagado ou porque passo longas horas com um ser caído, mas encantador”...

Simpático, de grande talento, de grande erudição, este bom senhor não imagina que comete uma falta – estando casado e esperando a cada instante o parto de sua mulher -, pelo simples fato de embriagar-se e de passar o tempo em companhia de uma prostituta. Não lhe passou sequer pela imaginação que enquanto não houver começado a lutar e dominado em parte, quando menos, suas tendências à embriaguez e à luxúria, não terá direito a pensar na amizade, no amor, nem muito menos em um culto qualquer.

Não somente não luta contra tais vícios, mas os anseia como algo encantador e que não o impedem, nem muito menos, sua tendência à perfeição; e longe de ocultá-los a seu amigo, ante quem deseja parecer sob seu melhor aspecto, vangloria-se deles.

Assim se fazia faz cinquenta anos. Conheci ainda esses homens, conheci Ogarev e Herzen e a muitos que lhes são parecidos, educados todos de igual modo. Em todos eles se notava uma ausência absoluta de método e de perseverança; mostravam um desejo ardente de perfeição, e em troca se entregavam à libertinagem mais desenfreada. Criam, no entanto, que isso não lhes impedia de levar uma existência moral, e que podiam realizar, apesar de tudo, ações boas e até grandes.

Colocavam em um forno frio farinha sem amassar, e criam que o pão assaria. E quando em seus últimos dias perceberam que o pão não assava, que sua existência não teve nenhum resultado útil, lhes pareceu aquilo o golpe terrível do destino.

Tal destino é terrível, de fato. Esta situação trágica dos Herzen, Ogarev e outros fere ainda hoje em dia a grande número de homens, que se creem instruídos e que conservaram iguais opiniões. O homem tende a ter bons costumes; mas a regularidade necessária para tanto não existe na sociedade atual. Como os Ogarev e Herzen, de cinquenta anos atrás, a maioria dos homens atuais creem que uma vida refinada, uma alimentação abundante, os prazeres e a luxúria não o impedem de levar uma existência moral. Mas é provável que não atinjam seu objetivo, já que se sentem no máximo pessimistas e dizem: “É uma situação trágica a do homem”.

O surpreendente é que esses homens saibam que a distribuição dos prazeres entre os homens é desigual, que considerem essa desigualdade como um mal, que queiram remediá-lo, e que, no entanto, não cessem de tender ao aumento desses prazeres.

Agindo assim, esses homens se parecem a pessoas que, entrando em um pomar, se apressam a colher toda a fruta que está ao alcance de sua mão, apesar do que desejam

estabelecer uma repartição mais equitativa dela, no entanto, continuam apoderando-se de quanto podem.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

